

DA GUERRA SUBVERSIVA À "GUERRA"

TAM — Traduzido da "Revue Militaire Générale" — Junho 1960

"A guerra é uma coisa muito séria para que se a deixe aos cuidados dos militares".

Ao pronunciar estas palavras, pretendia o presidente Clemenceau, "Pai da Vitória" de 1918, mostrar que não considerava os militares como gente "séria"? Ou apenas quisera lembrar a clássica preeminência da toga sobre a espada?

O Exército seria, na verdade, apenas um instrumento — puramente técnico — nas mãos do poder? Eis uma velha questão que se apresenta periodicamente e que não parece possível ser de pronto resolvida — se assim pudesse ser — senão depois de uma apurada análise do "fenômeno — guerra".

Para conduzir essa análise a seu termo, é bem possível que não seja desinteressante examinar — em algumas páginas — o rude e longo caminho que conduziu, através de tantas decepções amargas e descobertas surpreendentes, os jovens oficiais franceses, orgulhosos de sua "vitória clássica" de 1945, à tranqüila certeza e à inabalável determinação que caracterizam sua maturidade.

PRIMEIRA ETAPA: DESCOBERTA DA GUERRA "SUBVERSIVA"

Esta etapa, que foi progressiva e mantida através dos anos na Indochina, tem ligação com a descoberta de uma forma de guerra "que não se aprende nas escolas": a guerra subversiva. Durante 1954-1955 as conclusões são claras: as constatações efetuadas na região do Extremo Oriente correspondem perfeitamente à teoria da "guerra revolucionária" segundo Lenine, Mao Tse Tung e os doutores do marxismo-leninismo, assim como às experiências da China, Grécia, Malásia, etc...

As características dessa forma de guerra são as seguintes:

1º) A guerra é preparada, desencadeada e conduzida por uma *organização subversiva* um “partido” de estrutura e ideologia totalitária, inteiro ou parcialmente clandestino, enraizado e ramificado no território a ser conquistado.

2º) O *objetivo* da organização subversiva é o *poder absoluto* sobre as almas e os corpos, isto é, o controle total, físico e psicológico, das massas (1).

3º) Para conquistar esse objetivo, a organização desenvolve, tanto no plano estratégico como no tático, um duplo processo: *dissolução* moral e física da sociedade existente; *construção* simultânea e progressiva, no seio desta, da sociedade revolucionária totalitária. A vitória é conquistada quando a nova sociedade se encontra bastante desenvolvida, moral e materialmente, para fazer a antiga desmoronar-se.

No intuito de adiantar tanto a construção da sociedade revolucionária como a destruição da antiga, a organização subversiva *militariza* progressivamente as populações, para mantê-las controladas e utilizá-las no combate armado. Este combate pouco a pouco vai aumentando de intensidade, passa do terrorismo à pequena e à grande guerrilha e chega à “guerra de movimento” que lembra, em sua aparência, as operações clássicas. A guerrilha, entretanto, junta-se ao terrorismo e estes dois processos não são abandonados quando se passa à guerra de movimento.

4º) Esses três processos de construção, destruição e militarização são desenvolvidos com a ajuda de técnicas muito aperfeiçoadas que permitem a conquista física e psicológica das massas (2).

5º) Por fim, o desenrolar da guerra revolucionária, no tempo e no espaço, apresenta um certo caráter sistemático. Inicialmente, muito mais fraca do que seu adversário, a Revolução é forçada a aumentar, pouco a pouco suas forças até que se torne mais poderosa que ele e passe a “contra-ofensiva (ou insurreição) geral”, que termina por destruir a sociedade atacada em condições espetaculares.

(1) Um processo empregado na Europa Oriental nas “salas de informações” mostra bem o vínculo entre o que se destina ao físico e o que visa aos sentidos: alto-falantes repetem incessantemente, a voz medida, os “chavões”: “Adenauer é um assassino” etc... Em seguida, o som e a idéia correspondente permanecem associados à imagem.

(2) “Hierarquias paralelas”, nucleamento, utilização das “organizações de massas” e das “cadeias de transmissão”, autocritica, doutrinação, propaganda científica etc...

Dêsse modo vimos uma organização subversiva trabalhar, sempre de maneira análoga, na China, na Indochina, na Grécia e na Argélia (3). De início, mantém uma calma aparente, ao abrigo da qual solapa a sociedade a destruir e se infiltra nas organizações oficiais e privadas, começando a criar um clima favorável aos seus desígnios. Depois, progressivamente, o Partido recorre à violência para exacerbar o ambiente criado, desenvolver e militarizar sua organização e destruir as organizações adversas. Por fim, sua ação se espalha por todos os escalões, num cuidado constante para influenciar os espíritos e as atividades de toda espécie políticas, econômicas, sociais, culturais e militares. Seu fim é criar e multiplicar as bases, zonas mais ou menos importantes onde a liberdade de ação é obtida por meio de um rígido controle (clandestino ou não) da população.

Se a organização subversiva consegue dispor de numerosas bases, amplas e ricas, e, ao mesmo tempo, corromper de modo adequado, moral e materialmente, as zonas controladas pelo poder estabelecido, então a sorte da guerra está decidida: a "contra-ofensiva (ou insurreição) geral" conquista de um só golpe a vitória. Esse espetáculo nos foi dado assistir, de maneira muito surpreendente, na China de 1949, quando os vermelhos se apossaram de todo o território sem encontrar qualquer resistência, fortificando-se, ao contrário, com a adesão de todos os seus cúmplices até então dissimulados de todos os hesitantes e, mesmo, de todos os seus adversários de véspera, ansiosos por terminar a guerra ao lado dos vencedores. O advento da mais sombria das tiranias pôde, assim, desvirtuar os aspectos de festa pública de uma libertação.

* * *

Tornou-se evidente que tais descobertas, feitas não na calma serena de um gabinete mas na atmosfera apaixonada dos campos de batalha, não podiam deixar de impressionar profundamente o Exército francês. Por isso, nos anos de 1953 a 1956, o termo "Guerra revolucionária" (4) entrou em moda. Nossas elites militares se consagraram de preferência

(3) Ainda que a medíocre qualidade da FLN e da ALN faça da rebelião na Argélia uma forma muito degradada da guerra revolucionária.

(4) O termo foi empregado pela primeira vez por Karl Marx; foi repetido por Lenine e Mao Tse-Tung. Chegou pela primeira vez ao nosso conhecimento ao ser retomado pela FLN (declarações de Amed Bumendjel, Chefe da delegação do GPRA à "Conferência dos povos africanos", em Tunis, a 27 de janeiro de 1960).

ao estudo do que ainda se acredita ser uma “forma” de guerra — a tal ponto que terminaram por impor sua adoção oficial e sua introdução, embora bem tímida — nos programas de informações superiores (5). Mas, de um modo geral, ainda se considera existir, nos tempos modernos, três formas de guerra: a “atômica”, a “clássica” (ou “convencional”) e a “subversiva”. Por fim, o que vai permitir a síntese, é o apêgo tradicional dos militares franceses à estratégia.

Na verdade, é surpreendente, para os espíritos que mais se dedicam às vistas de conjunto, constatar que o aparecimento e a florescência de guerras revolucionárias (sob sua forma evoluída) *coincidem* exatamente com o advento daquilo que nossos aliados anglo-saxões têm chamado de “a guerra fria”. Explicar êsse fenômeno (como gostam de fazer os espíritos demasiadamente medíocres) como consequência da “onda de nacionalismo que conduz os países subdesenvolvidos à rebelião”, é por demais fútil. As negociações da Grécia e do Azerbadjão, a guerra civil chinesa e mesmo a revolta da Malásia (6) não podem ter nascido desse fenômeno (cujas origens necessitam, aliás, ser esclarecidas).

Existe, portanto, uma ligação entre a guerra fria e as guerras revolucionárias dos últimos quinze anos. Esta descoberta conduz rapidamente a uma *segunda etapa*: *a guerra fria nada mais é do que a aplicação, em escala mundial, das teorias da guerra revolucionária.*

Se, portanto, se tenta a comparação, ponto por ponto, entre as características das guerra revolucionária — exatamente como acabaram de ser apresentadas — e a guerra fria, constata-se que são idênticas, ou antes, homotéticas.

1º Ponto: a guerra é conduzida, não por uma nação ou coalizão, mas por uma organização subversiva. Para muitos, ainda estorvados por concepções clássicas, a guerra fria é conduzida pela URSS. Não obstante, estadistas soviéticos e doutôres do comunismo refutam constantemente êsse erro magistral: *o partido comunista internacional não está a serviço da Rússia; esta é que se transformou em soldado do comunismo* (a pátria do socialismo). Quem não compreendeu esta verdade fundamental, jamais poderá compreender o mundo moderno; a maior parte das derrotas ocidentais dos anos recentes se explicam por êsse desconhecimento da realidade mais essencial dos tempos atuais (7).

(5) Os espíritos lúcidos — não os inferiores — se obstinam em confundir, ainda, “guerra subversiva” (ou revolucionária) e “guerrilha” — quando não com “guerra psicológica”.

(6) Conduzida essencialmente pelos comunistas chineses fora de seu país.

(7) O espetáculo das viagens de Kruchov ao estrangeiro apenas ilustram esta afirmação.

A guerra fria é, portanto, a luta de uma organização subversiva totalitária, o partido comunista internacional, contra o resto do mundo. Nesse conflito, a organização se apresenta *por tôda parte* (alguns escândalos retumbantes dos últimos anos provam que ela age mesmo nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha); o bloco sino-soviético apenas representa uma parte de sua potência: suas "bases".

2º Ponto: Qual é o objetivo dessa organização? Não mais se pode hesitar sobre a resposta a essa pergunta, a qual milhares de vezes tem sido tão bem respondida não só pelos chefes comunistas e representantes da "nova classe" (8) como pelos teóricos do marxismo-leninismo. Para eles, trata-se, e assim o proclamam, de instaurar o comunismo em todo o mundo, isto é, de impor às populações de todo o Globo o regime que já existe nos países do Oriente: poder absoluto, controle total, físico e psicológico, dos indivíduos.

O próprio Kruchov advertia:

"Senhores capitalistas, nós vos sepultaremos a todos".

Não há possibilidades para qualquer compromisso; o comunismo quer o desaparecimento de tudo o que não lhe pertence e não pode mudar de objetivo sem se negar ou destruir a si mesmo (9).

Enquanto o comunismo não desaparecer, enquanto existir fé e organização, a guerra fria prosseguirá.

Passemos aos métodos. É claro que, no mundo inteiro, o partido da revolução mundial desenvolve seus dois processos: o construtivo e o destrutivo. Não se pode compreender a política do bloco comunista sem que se conserve sempre presente ao espírito sua dupla preocupação: reforçar a coesão e a força da sociedade marxista-leninista, tanto nas regiões onde a revolução já triunfou como nas outras regiões do Globo (10), e desagregar a sociedade não comunista, procurando a discórdia entre as nações ainda livres, tornando-as inimigas entre si, lançando mão para isso, tanto dos interesses como das paixões e convicções espirituais e ideológicas.

(8) Conforme o livro de Djilas, "A Nova Classe".

(9) Uma demonstração mais completa desse ponto foi procurada, no artigo "A tentação do Comunismo" (Revue des Forces Terrestres n. 15, de janeiro de 1959), pelo Comandante Hogard.

(10) A prioridade é evidentemente concedida às "bases" já conquistadas. Assim o comunismo reprimiu a revolta da Hungria pelo terror, embora essa ação tenha sido de natureza a fazê-lo recuar no Mundo Livre. Mas, a perda da Hungria teria sido um recuo estratégico (no sentido marxista-leninista do termo), provavelmente definitivo, que acarretaria a perda de outros satélites. Enquanto que a repressão da Hungria provocou apenas um recuo tático temporário no Mundo Livre.

Para desenvolver êstes dois processos, as técnicas empregadas são as mesmas, tanto na guerra fria como na revolucionária: infiltração; utilização da “cadeias de transmissão”, da “organização de massa”, do sistema de “hierarquias paralelas”, do recurso à doutrinação, à propaganda científica, ao processo da autocritica, etc (11) ... Seria mesmo interessante comparar de perto a utilização pelo comunismo da grande assembléia mundial, a ONU, e a que êle fez dos parlamentos nacionais (12).

Até o desencadeamento das guerras revolucionárias nada há que não se encontre fielmente integrado nas guerras frias. Na escala mundial, os países controlados pelos comunistas são as “bases”, no sentido revolucionário do termo; os países livres representam “as retaguardas inimigas”. É espantoso constatar-se que as “bases”, até 1940, compreendiam apenas um país; hoje englobam dezesseis, mais de um terço da humanidade; é mais espantoso, ainda, pesquisar o “apodrecimento” dos países livres. Como se encontram exatamente as Índias, as Américas Central e do Sul, a África, algumas nações da Europa e mesmo os Estados Unidos e a Grã-Bretanha?

A única objeção que se poderia opor à comparação que acabamos de esboçar ponto por ponto, entre a guerra fria e as guerras revolucionárias que temos estudado — ou vivido — seria a ausência, na primeira, do processo de “militarização”. Até agora, efetivamente, o comunismo não tentou generalizar o emprêgo da violência em todo o mundo.

A objeção acima é fácil de ser contestada. Primeiro que tudo, o processo de militarização não é obrigatório. Onde êle foi possível (na Tcheco-Eslováquia, por exemplo) o comunismo agiu com parcimônia. Entretanto, sabe-se que êsse processo serve sobretudo para aumentar rãpi-

(11) Essas técnicas foram estudadas no artigo “Estratégia e Tática do Comunismo” (Revue des Forces Terrestres n. 8, de outubro de 1959, pelo Comandante Hogard).

(12) “Todo deputado comunista é obrigado, de acôrdo com decisão do Comitê Central do Partido, a ligar o trabalho legal ao ilegal. Nos países em que os deputados comunistas, em virtude de leis burguesas, gozam ainda duma certa imunidade parlamentar, devem êles servir à organização e à propaganda ilegal do Partido. Os deputados comunistas são obrigados a subordinar tôda sua atividade parlamentar à ação extraparlamentar do partido. O arquivamento regular de projetos de leis puramente demonstrativos — conhecidos, não tendo em vista sua adoção pela maioria burguesa mas, pela propaganda, agitação e organização — deve ter lugar de acôrdo com as indicações do Partido e do seu Comitê Central.

Todo deputado comunista tem por obrigação lembrar-se de que não é um “legislador” procurando uma linguagem comum com a de seus pares, mas um agitador do Partido lançado nas linhas inimigas para aplicar as decisões do Partido. O deputado comunista é responsável, não perante as massas dispersas que o elegeram, mas sim perante o PC legal ou ilegal” (Lenine, prestação de contas ao II Congresso Internacional Comunista)

damente a coesão da sociedade revolucionária em formação e, só em segundo lugar, para acelerar a destruição da sociedade atacada. Nessas condições, o processo de militarização só é empregado onde a revolução exige rapidez na sua evolução ou quando precisa apoderar-se de uma posição que só a violência lhe permitirá conquistar, ou, ainda, quando a utilização do fragor das armas se tornar necessária para abalar os nervos da população do Mundo Livre.

Foi o que aconteceu na Grécia, na China, na Indochina, na Coreia e na Argélia (13). Mas, o uso da força brutal em dose exagerada é perigoso, porque poderia induzir as sociedades atacadas a adquirir consciência do perigo e a se armar, em todos os planos, para enfrentá-la. Inteiramente convencido de sua vitória final, que considera inevitável, o Comunismo não se precipita. Sua revolução não é obra de um homem ansioso por conduzi-la enquanto vive, mas a de uma organização que se julga imortal. O Partido, portanto, desenvolve, por todo mundo, seu duplo processo de construção e dissolução, porém não militariza e nem recorre à violência a não ser quando e onde lhe parece proveitoso e quando e onde pode fazê-lo sem comprometer sua estratégia mundial (14).

Em breve, nem o processo de militarização e nem o uso da violência estarão ausentes daquilo que se tem designado por "guerra fria"; entretanto, serão utilizados com discernimento. Os mestres do comunismo restabeleceram, assim, as regras de uma sã estratégia: *a força brutal não mais é empregada irrefletidamente, sua dosagem é função das vantagens resultantes e dos riscos permitidos*. Aliás, em nenhuma guerra a violência se generalizou a todo o território dos beligerantes. Mesmo no decurso das "guerras mundiais" do século XX, os combatentes pouparam a maior parte dos territórios dos países engajados nos conflitos. Nos séculos passados, os exércitos ocupavam seus "quartéis de inverno" por largo espaço de tempo sem que, por vezes, houvesse operações militares. Portanto, é absurdo pensar que não há "guerra" porque a batalha pelas armas está localizada no tempo e no espaço. A "arte da Guerra" consiste propriamente nisto: dosar e localizar a violência em função dos objetivos procurados, levando-se em conta os riscos.

(13) A revolução argeliana não é comunista (pelo menos totalmente). Mas a vitória da FLN seria uma vitória do comunismo mundial e conduziria, por consequência, a uma comunização ulterior. Sabe-se que a FLN está muito próxima do comunismo, uma vez que ela contém comunistas, adota seus métodos e, pouco a pouco, sua ideologia. Do PC francês a FLN, passando pela Estrela da África do Norte, o PPA e o MTLD, a filiação é direta.

(14) "É preciso que se retarde o momento em que os países capitalistas se compenetrem do que se passa" dizia Lênine.

A segunda etapa, nas nossas reflexões, nos conduz às seguintes conclusões :

1º. *Nós estamos em guerra, em "Guerra Revolucionária", conduzida em todo o Globo pelo comunismo internacional.*

2º. Da continuação dessa guerra dependem não somente nossa existência como também a sobrevivência das crenças, das concepções e das formas de vida, às quais nos apegamos muito mais que a nós mesmos.

3º. *Não há possibilidade de qualquer compromisso : a própria essência do comunismo (a dialética marxista-leninista) o condena a lutar até a sua própria destruição ou a de todos seus adversários (15).*

Em breve, e eis a monstruosa novidade do século XX, novidade resultante da "perversidade intrínseca" do comunismo, *a estratégia não mais será subordinada à política ; confundir-se-á com ela (16) ;* pode-se mesmo dizer que, *no pensamento marxista-leninista, a política estará subordinada à estratégia.*

Nossa segunda etapa intelectual nos conduziu às conclusões que permitem abordar a terceira etapa e examinar o futuro. Essas conclusões nos autorizam, em particular, a responder à pergunta que mais frequentemente se nos apresenta (e que não é, contudo, o essencial) :

- o Exército soviético entrará em ação algum dia ?
- o emprêgo da violência se estenderá ao conjunto do Globo ?
- haverá uma guerra nuclear ?

Mas, em primeiro lugar, qual é o papel do Exército soviético ? A teoria e a prática da Guerra Revolucionária nos indicam : o Exército vermelho nada mais é que o exército regular ("a força principal") da revolução universal. Lenine e seus sucessores têm dito e repetido : os oficiais soviéticos se preparam nas academias militares. Ora, a revolução não desgasta nem arrisca sua força principal em operações secundárias ; ela só a empenhará na "contra-ofensiva (ou insurreição) geral".

(15) "Não há meio termo : até que uma decisão final se interponha entre o capitalismo e o comunismo, o estado de guerra parcial continuará" (Lenine).

"A ditadura do proletariado é uma luta sangrenta, sem clemência ; luta mortal entre duas classes, dois mundos, duas épocas da História Universal (Lenine).

(16) A estratégia sendo definida como "a arte de dosar e de combinar as forças para atender aos objetivos fixados pela política". Bem entendido, ao lado da força militar (que pode ser violenta ou não) existe uma força econômica e uma força moral (ou "espiritual", ou "ideológica").

No entanto, ela não é de todo inútil porque, obrigando seus adversários a procurar o equilíbrio de forças, ela influi consideravelmente no *moral* e na *economia* dos países livres (17).

Portanto, o Exército soviético só entrará em ação quando as condições da "insurreição geral" estiverem reunidas, isto é, quando as "bases" comunistas forem suficientemente numerosas, extensas e ricas, quando as "retraguadas inimigas" (os países livres) estiverem bastante "apodrecidas". Ou melhor, um desenvolvimento bastante avançado do processo de desagregação do Mundo Livre poderia permitir alcançar a vitória sem o uso da força militar. Eis, talvez, porque os senhores do comunismo, estimando como possível, de hoje em diante, um "Super-Munique" mundial, atualmente envolvem a violência e insistem em seus desejos de paz (no sentido "burguês" — para eles absurdo — da palavra). Isto lhes permite acelerar o processo de desagregação moral.

Um dia (talvez nem isso), a luta tornar-se-á violenta em todo o mundo. A superioridade comunista em armamentos clássicos e o receio dum conflito "nuclear", cuidadosamente disseminado no Oeste, nos levam à suposição de que as armas atômicas não serão obrigatoriamente empregadas e, se o forem, evidentemente não o serão com a exclusão das outras armas. Mas, sobretudo, mesmo se durante alguns dias (ou horas) o fragor das bombas A e H fizesse esquecer qualquer outra forma de luta, o que aconteceria depois? A desorganização material e a ruína moral seriam de tal monta que a paz tornar-se-ia impossível. E os governos ainda existiriam para concluí-la? Os sobreviventes das populações consentiriam nela? Os desesperados, aqueles que tudo perderam, de um modo geral, forneceriam os mais enfurecidos combatentes. A guerra continuaria, então, segundo as suas aparências, sob a forma mais primitiva. Em breve, a guerra nuclear nada mais seria que uma fase, *uma batalha* da Guerra Revolucionária Mundial.

Então, de fato, só existem três "formas" de guerra: a atômica, a clássica e a subversiva. A guerra é uma só (e de todas as maneiras não se define pelas armas que nela são empregadas). O mundo se mantém em guerra desde 1917, mas o agressor age tão bem que seus adversários não se apercebem disto e, mesmo aqueles que a sentem de um modo confuso, ainda esperam pôr fim à luta por meio de um compromisso impossível.

(17) Eis aqui uma aplicação da combinação de forças próprias à estratégia em geral: o pleno emprego de uma força militar só é obtido quando em íntima combinação com a força espiritual (ou ideológica) e a força econômica.